

histórias da saúde

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 12 • 2012



significativos, resultado da transcrição de documentos, que ampliam as informações contidas no corpo do texto.

Se alguma restrição há a apontar a este trabalho, deve-se ao facto de a autora ter restringido a investigação para o elaborar apenas a arquivos portugueses, como, aliás, a própria reconhece, centrando-se no Arquivo Histórico Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros e no Arquivo de António de Oliveira Salazar / Arquivo Nacional da Torre do Tombo, pelo que se sente a conveniência de que um dia venha a proceder à análise crítica dos documentos produzidos pelas chancelarias italianas e seguramente depositados nos arquivos daquele país. Pelo facto, juntamos a nossa voz à do Prof. Doutor Luís Manuel Vieira de Andrade, formulando votos para que a investigação e consequente publicação dos resultados alcançados venham a ser bem sucedidos e posteriormente divulgados.

Inserido na Colecção “História Contemporânea”, dirigida pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro, *Portugal e Itália. Relações Diplomáticas (1943-1974)*, de Vera de Matos, é um exemplar acabado do que é a História nos dias de hoje, pelo modo como expõe o processo interpretativo da cadeia dos acontecimentos que os documentos nos facilitam, ao mesmo tempo que proporciona uma profunda reflexão sobre a actualidade, tudo feito com rigor e objectividade. Pelo facto, com esta obra, a autora, o Centro de Estudos Interuniversitários do Século XX, a Imprensa da Universidade de Coimbra e, em última instância, a área do conhecimento que privilegia as relações políticas, culturais e diplomáticas entre Portugal e a Itália têm motivos de que se orgulhar.

Manuel Ferro  
Professor Auxiliar da FLUC

FRIAS, Aníbal - *Le Processus Sociohistorique de la Praxe Académica: coutumes, traditions, traditionalismes*. Coimbra: CEIS20, 2011. (Cadernos do CEIS20, 18).

Na série de «Cadernos do CEIS20», foi publicado em 2011 um ensaio de Aníbal Frias sobre *Le Processus Sociohistorique de la Praxe Académica: coutumes, traditions, traditionalismes*. O autor já dedicou ao tema vários artigos e a sua dissertação de doutoramento em Etnologia, intitulada *Le monde universitaire et la Praxe académica au Portugal. Traditions étudiantes et cultures académiques à l'Université de Coimbra* (Université de Paris X Nanterre, 2003).

A praxe académica pode ser um labirinto, em cujas deambulações facilmente nos perdemos. Há um imaginário coimbrão tardo-romântico, configurado nas ideias de beleza, pureza, tranquilidade e, às vezes, de tradicionalismo, no qual a praxe ocupa um lugar fundamental. Em 1938, o brasileiro Afrânio Peixoto, simpatizante do Integralismo e que recebeu o doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Coimbra em 1937, falou da universidade como «Coimbra de Coimbra, [...] oratório de Portugal e do Brasil». (Afrânio Peixoto, *Viagens na Minha Terra*. Porto, Livraria Lello & Irmão, 1938, p. 74.) Hoje, não deve faltar quem pense o mesmo da Academia. Praxe académica: Coimbra de Coimbra?

O labirinto do imaginário é também da própria nação. Na mesma época, Afonso Lopes Vieira elevou a cidade a arquétipo nacional: «Contemplando Coimbra dos eirados de Santa Clara ou do sítio mais propício da Quinta das Canas, o viajante sensível, se for português, reconhecerá que está vendo a mais fina, a mais pura, a mais *nacional* das paisagens do seu País». (Afonso Lopes Vieira, «[Coimbra.]

Impressão geral», *Guia de Portugal*, volume III: *Beira. I - Beira Litoral*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. p. 191-192.)

A praxe académica é um lugar de combate ideológico, em que os compromettimentos afectam as análises. Alguém escreveu que a tradição é apenas uma inovação que durou mais tempo. Esta definição não é totalmente correcta porque lhe falta a dimensão interpretativa ou reinventada. No entanto, tem a vantagem de evidenciar algumas fraquezas das visões intemporais que se ocultam sob as ideias de *autêntico*, *eterno*, *imutável*, *ininterrupto* e *imemorial*. Um dos cuidados de Aníbal Frias reside, como é natural, na precisão terminológica. Tradição é uma palavra perigosa. Aníbal Frias integra-a num sistema explicativo muito eficaz: «a praxe académica como tradição corresponde apenas, em rigor, a um momento do processo cultural da Academia».

Costume, tradição, e tradicionalismo constituem não só «períodos históricos da praxe», mas *instâncias* de uso e valorização, que vão do estrato infra-consciente e rotinizado até ao estrato hiper-consciente e sobrecodificado. A tradição está entre um e outro: é um estrato consciente, reinterpretador, produtor de memória colectiva. Aceitando estas ideias, compreendemos algumas afirmações de grande importância: a tradição supõe um acto de interpretação e valorização; não há tradição, mas a tradicionalização dos costumes; «tudo se pode a priori “tradicionalizar”»; a dicotomia modernidade/tradição talvez não seja muito produtiva.

Aníbal Frias chama precisamente a atenção para a *reconfiguração* da forma e dos conteúdos da praxe a partir do início do século XX, ou seja, às *adaptações* e *evoluções* provocadas por quatro fenómenos: desaparecimento gradual

(por exemplo, gíria académica), rejeição (canelão), «introdução simbiótica de novidades “tradicionalizadas”» (nabo roubado e caricatura) e ludificação (vexames rituais). Assim, se fizessemos uma tabela, teríamos, de um lado, as práticas que desaparecem: canelão (início do século XX), referência às tricanas (anos 40), julgamento do caloiro (início da década de 60), roubo de galinhas (anos 60), serenata de janela (anos 60), praxe sobre os liceais (anos 60) e tourada ao lente (pouco praticada depois de 1980). E, do outro, as práticas que emergem: nabo roubado (1903), caricatura de estudantes (início do século XX), Tomada da Bastilha (1920), cartaz da Queima das Fitas (1932), cartola e bengala (1932), actual emblema da Associação Académica (1927), baile de gala da Queima (1933), serenata monumental (1946-49), elaboração de pré-códigos da praxe (1916 e 1925) e de códigos efectivos (1957, 1993 e 2001) e Noites do Parque.

Como é habitual nas «tradições inventadas», a fase da reconfiguração da praxe foi acompanhada pela «canonização escrita» e acabou por conduzir à sua *institucionalização*, *patrimonialização*, *reabilitação* e *revitalização*. O horizonte deste processo são as «“origens” míticas, tidas por verdadeiras e autênticas».

A discussão podia ser, agora, acerca dessas origens. Podia ser e foi. Tem sido. Está constantemente a ser. A preocupação com a «verdade histórica» talvez seja uma marca da praxe «hipercodificada e objectivada» que, segundo Aníbal Frias, caracteriza «a praxe na sua versão tradicionalista».

Numa matéria sempre associada ao passado, chegamos ao presente de agora mesmo: «Os rituais tendem imperceptivelmente para um ritualismo que apaga o sentido das práticas, modeladas por uma neotradição de natureza pós-moderna onde se misturam a tradição e a modernidade

no seio de uma academia presa, tal como a Universidade e a sociedade, num turbilhão de racionalização e de *marketing* e da fabricação de uma identidade híbrida e construída.» (p. 19)

Deste modo, a praxe fica à mercê de estratégias de apropriação que, invocando a *pureza* originária (um dos tópicos do imaginário tardo-romântico de Coimbra), reagem contra as *falsas* tradições actuais (naquilo que Aníbal Frias classifica como uma «revolução conservadora»), e que, invocando o futuro, admitem algumas transformações virtuosas.

Aníbal Frias chama a isto «uma tradição com dois rostos» ou, citando Carlos Fortuna, uma «paradoxal conservação inovadora do elemento tradicional». Na praxe académica de Coimbra, essa tendência exprime-se na «renovação paradoxal das tradições», ou seja, no poder de «modificar a praxe em nome da praxe».

O desejo de «restaurar» a praxe converte-se, deste modo, numa impossibilidade. As tradições nunca se restauram: reconstroem-se e adaptam-se. Foi o que aconteceu na década de 1980, após onze anos de suspensão. É a época da «*retradicionalização*», a que se sucede, já no século XXI, a fase da *patrimonialização*, com a candidatura a património da Humanidade.

Aníbal Frias concede um justo destaque à vontade de restabelecer uma continuidade simbólica com tradições rejeitadas na sequência do movimento estudantil de 1969. No combate ideológico que se seguiu, emergiram dois intuitos, que talvez sejam mais frequentes do que parece: o juízo de valor sobre a conveniência ou inconveniência de manter a praxe e a comparação assente num mito das origens. Mas ao recentrar a atenção, Aníbal Frias sugere que a recusa e a «restauração» da praxe (e os conflitos que lhes estão associados) traduzem uma forte consciência

identitária. Mostra-nos que, apesar da visão idealizada das memórias académicas, a Academia é «uma real comunidade cultural». A forte consciência identitária assenta num «poderoso sentimento de pertença (“à Academia”», e mesmo de referência (“de Coimbra”»).

Aníbal Frias orienta as energias interpretativas para a praxe de hoje, que se apresenta como «uma espécie de *sincretismo*» de *costumes*, *tradições* e *tradicionalismos*. E convida-nos, creio eu, a olharmos para esta «“outra” praxe, mais fluida e pragmática», como uma expressão de vitalidade comunitária, que traduz uma apropriação vital e não uma transgressão. Será exagerado dizer que faz reverter a tradição à instância de uso, de costume?

A comparação dos códigos da praxe de 1957 e de 2001 fundamenta, aliás, uma discussão sobre o que significa transgredir. O primeiro está redigido com um sentido de humor que neutraliza o intuito regulamentador. O segundo substitui a feição lúdica pelo carácter impositivo, que está de acordo com «uma apreensão tradicionalista da praxe», visa condicionar (e mesmo controlar ou congelar) uma «cultura viva e dinâmica» e tende para a repetição estereotipada.

Aníbal Frias termina o capítulo central com uma frase provocadora de Paul Veyne, que se poderia traduzir muito livremente nos seguintes termos: «Sabemos que uma tradição está morta quando tentamos salvaguardá-la em vez de a inventar.» No entanto, fico com a ideia de que a praxe académica de Coimbra talvez contradiga esta feliz expressão. O leitor é projectado para a força esquecida da praxe actual.

O presente ensaio assenta na ideia de que costumes, tradições e tradicionalismos pontuam três modalidades de relação das sociedades (e portanto também da Academia e da Universidade) com o seu

passado, o seu presente e o seu futuro. Em relação à Universidade de Coimbra, vincula a «restauração» da praxe nos anos oitenta à emergência de «uma fase histórica de tipo tradicionalista», na qual a institucionalização domina sobre a fluidez dos costumes. E hoje? A Academia fixou-se no puro tradicionalismo, no estereótipo? A resposta de Aníbal Frias parece-me negativa: «Os costumes e as tradições mantêm-se apesar de tudo, mediante o ajustamento à nova configuração de uma Academia híbrida, onde a tradição [...] coexiste com a hipermodernidade, assinalada pela valorização retórica do futuro.»

A Academia não perdeu o sentimento de pertença e continua a usar a praxe para esse efeito. Ainda que inefável, o «espírito académico» de Coimbra, com as suas poderosas ligações ao imaginário da cidade, mantém o vigor criativo e unificador, alimenta as representações e as práticas dos estudantes. Assim, pergunto-me se não poderíamos reescrever a frase de Paul Veyne: «Sabemos que uma tradição está morta quando tentamos salvaguardá-la em vez de a inventar. E sabemos que é a praxe quando, apesar disso, ela continua a fluir como um costume em evolução.» Mas talvez Aníbal Frias não concorde.

Nuno Rosmaninho  
Professor Auxiliar  
da Universidade de Aveiro  
Investigador Integrado do CEIS20